

NAPUPILA,

Coletivo de Pesquisa Curatorial

PERGUNTAS FEMINISTAS NAS ARTES VISUAIS

Coletiva de pesquisa curatorial NaPupila¹

RESUMO

O que está no campo de visão dos movimentos feministas? Enquanto mulheres, podemos dizer que as questões emergentes nos múltiplos feminismos soam mais interessantes que qualquer resposta definitiva. Sem respostas, nos dispomos a analisar gestos invisíveis, cultivando olhares atentos sobre o cotidiano. Especular sobre feminismos nos exige uma constante reorganização corporal e mental, de voltar-se para si, para as ações que imprimimos no mundo. É certo que o feminismo vem sendo incorporado esteticamente pelo capitalismo cognitivo, mas isso não exclui as significativas descobertas cotidianas de femininos à penumbra. Gestos, presentes em relações cotidianas que se desdobram em políticas, performances de gênero para além dos conceitos a priori. Neste artigo, seguimos com perguntas sem respostas sobre o feminismo. Fazemos coro à Jota Mombaça, Bell Hooks, Conceição Evaristo e Renata Felinto, buscando cruzamentos entre a arte e os feminismos a partir da experiência e das relações.

PALAVRAS-CHAVE

Feminismos; Artes Visuais; Gênero.

1. POR QUE FEMINISMOS À PENUMBRA?

Conceição Evaristo nos concedeu uma elucidação seminal. No conto Olhos d'água, presente em seu livro homônimo, a autora evidencia a superfície profunda do olhar. A personagem central do conto comenta sua angústia ao tentar descobrir a cor dos olhos de sua mãe.

Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades (...) A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. (...) Rios calmos, mas profundos

¹ Formada por Ana Emília C. Silva, curadora independente e doutora em Arte e Cultura Contemporânea pela UERJ; Julia Baker, produtora, curadora independente e doutoranda em Artes da Cena pela UNICAMP e Michaela Blanc, curatorial fellow no MassArt Art Museum e mestrandia em Museum Education na Tufts University.

e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. (...) Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho dos olhos da outra. (EVARISTO, 2016, p. 18).

No conto, mulheres em relação intergeracionais. A filha busca inventariar os silêncios da mãe. Descobre nos olhos de sua ancestral uma emoção sem definições precisas ou palavras equivalentes. O conto não revela os motivos dos olhos aquosos da mãe, mas garante uma sobrevida àqueles espelhos d'água, sendo a expressividade dos olhos da mãe inspiração para as futuras mulheres que a sucederam. O jogo de olhares proposto por Conceição Evaristo é uma imagem útil para pensarmos os modos de fazer feministas, em que a empatia aparece em posição central.

A maneira como nos comportamos, nossos gestos, como devemos agir ou a leitura que os outros têm de nós é mediada pela expectativa de um papel social sobre o que é ser mulher. Mesmo diante de significativas conquistas, como o sufrágio ou, em alguns países, a legalização do aborto, ainda há muito a ser discutido acerca da biologização da cultura, sobre a violência sexual e de gênero, sobre as múltiplas jornadas de trabalho das mulheres ou sobre a maternidade na sociedade produtivista. As dificuldades invisibilizadas da mãe, relatadas em Olhos d'água, é traço constituinte do secular papel social das mulheres, mas só se tornam pauta dos estudos sociais a partir de uma recente mirada feminista². Ao lermos o conto, não sabemos quais são os desafios daquela mãe que chora, no entanto, podemos facilmente pensar em situações verossímeis àquela relatada.

E como a arte não escapa à vida, as histórias de mulheres invisibilizadas são capítulos da nossa História da Arte. Renata Felinto, artista brasileira negra e mãe, nos convoca a olharmos para o passado espelhando o presente. Em sua performance *Axexê dá Nega* (2017), a artista realiza um ritual de passagem para mulheres negras escravizadas obrigadas a amamentar os filhos da casa grande³, as *amas de leite*. Com a fertilidade explorada de todas as formas, desde a amamentação dos filhos da casa grande até a iniciação sexual desses mesmos filhos, as mulheres negras são incluídas na estrutura da tradicional família escravocrata como parte constituinte. Disponíveis para acolher demandas afetivas dos diferentes membros das famílias, a maioria dessas mulheres não tiveram sequer um enterro digno. A pintora Tarsila do Amaral, oriunda de uma tradicional família da elite paulistana, chegou a pintar sua própria ama de leite no início

2 Podemos destacar aqui o pioneirismo das pesquisas sobre feminismo no Brasil, nos anos de 1970, sobretudo a partir da pesquisadora Zahidé Machado Neto, que introduziu o tema do feminismo nas ciências sociais do Brasil em sua atuação na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Sobre o assunto, ler FERNANDES, Felipe Bruno Martins. Genealogia da Antropologia Feminista no Brasil: Um olhar sobre a emergência do ensino de Gênero nas Ciências Humanas da Bahia. In: Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress. Florianópolis, 2017. Ainda nos anos de 1970, as escolas de arte norte-americanas voltaram-se para os estudos feministas. Na área, podemos destacar as iniciativas norte americanas como o Feminist Art Project no Instituto de Artes da Califórnia. No Brasil, os estudos sobre feminismos em Artes Visuais ainda é assunto periférico nos centros de ensino de formação superior. Sendo pontualmente tratados em fundamentais grupos de estudos, como o PAMA.

3 Expressão usada para fazer menção a residências que contavam com mão de obra escrava.

do século XX. A tela *A Negra* (1923) marca o afeto da artista pela escravizada e deixa à penumbra toda uma relação de exploração, atenuada pela figura folclórica da mãe preta. Renata Felinto em seu *axexé*, enterra fotos de amas de leite e uma reprodução da tela de Tarsila, atribuindo à história da arte brasileira uma significativa camada de leitura histórica.

2. POR QUE NÃO BASTA DAR VISIBILIDADE ÀS MULHERES ARTISTAS?

Uma ilusão comum é achar que a batalha entre os sexos se resolve na dissolução da disparidade econômica e pela igualdade de produção entre homens e mulheres. Reconhecer o sexo é reconhecer um modo de agir, naturalizado ou imposto, que constitui nossa subjetividade. Mulheres são afetadas pela circulação e capilaridade econômica, mas também simbólica. Jota Mombaça, em seu texto *A Plantação Cognitiva*, de 2020, remonta uma preciosa pergunta formulada por Gayatri Chakravorty Spivak (2010): Pode o subalterno falar? Ao explorar a ressonância dessa pergunta, Jota atravessa os feminismos, com questões urgentes sobre racialização.

A autora comenta o protagonismo de pessoas negras na cena artística e intelectual e sobre a superexposição dos seus corpos em detrimento daquilo que produzem. Segundo a autora e artista, os espaços de poder continuam sendo dominados por homens brancos atuantes nos países considerados centros hegemônicos intelectuais e econômicos. Jota Mombaça identifica as memórias da escravidão como traço constituinte do racismo praticado atualmente, retomando a cena *re-colonial* teorizada por Grada Kilomba (2010). Somada a esse aspecto *re-colonial*, estão em seu texto as nuances do *Capitalismo Cognitivo*⁴, o *modus operandi* dos mercados de estilo de vida, bem como a conseqüente influência dos meios de comunicação de massa e da indústria cultural. Na lógica das *commodities*, os subalternos e subalternas vivem na pele a dicotomia entre morte e sucesso. Quando assumem protagonismo em espaços de poder, facilmente são postos como uma espécie de cota. Para a autora, entretanto, a disputa não é por espaços em que as desigualdades são naturalizadas, mas a criação de espaços que funcionem segundo outra lógica *operandi*. E para tal, é preciso considerar a opacidade como recusa ao reducionismo.

Se, em opacidade, a diferença não pode ser consumida ou extraída, talvez possamos criar uma ficção poética e conceitual em que “opaco” é uma das formas de dizer “quilombo”, e assumir, assim, que a encruzilhada da vida negra está situada sobre um labirinto de túneis que conduzem da plantação cognitiva à floresta e da floresta ao assentamento fugitivo. (MOMBAÇA, 2020. p. 11)

4 O termo pode ser encontrado no livro “Capitalismo e esquizofrenia” (1972) de Félix Guattari and Gilles Deleuze. SER SUJEITO OU COLETIVA? CONCLUSÃO PARCIAL

3. SER SUJEITO OU COLETIVA? CONCLUSÃO PARCIAL

De um modo geral, as pesquisas partem das experiências. Pertencer a um determinado segmento social, a classe, a cor e o gênero influenciam na nossa visão de mundo e na maneira como o mundo nos olha. Por esse motivo, o feminismo é sempre revisionista. A importância da rede de pesquisa e da presença de outras mulheres, diferentes e plurais, contemporâneas ou presentes nas histórias subalternas, são nosso *exercício de liberdade*.

Partimos de textos, poéticas artísticas múltiplas e de eventos em uma ordem não cronológica para investigar como os feminismos podem se apresentar e serem debatidos dentro do campo das artes. Não encontramos respostas e sim formulamos mais questionamentos. Como a história dos feminismos precisa mostrar e incluir pluralidades: feminismos indígenas, pretos, gordos, velhos, dentre outros recortes que se diferenciam dentro de um guarda-chuva criado para descrever uma luta plural; encontramos caminhos distintos ao compararmos o *Sul* com o *Norte Global*, onde as caminhadas se encontram em momentos diferentes, pois cada território apresenta singularidades que transformam a luta.

Mas, apesar do breve apanhado aqui expostos, percebemos a importância em alargar as histórias das artes e criar narrativas a partir de outros recortes, a partir de novas perguntas que são postuladas, enquanto nos deparamos com imagens da mães, amas de leite, mulheres escravizadas, corpos fora do padrão, espaços da casa, dentre outros.

A breve reflexão presente neste artigo inaugurou o curso *A Pergunta Feminista nas Artes Visuais*, realizado pela coletiva de pesquisa curatorial na Escola de Artes Visuais do Parque Lage em janeiro de 2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HOOKS, Bell. *Teoria Feminista*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2020.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MOMBAÇA, Jota. *A plantação cognitiva*, p.11-12, 2020. MASP. Disponível em: <<https://masp.org.br/uploads/temp/temp-QYyC0FPJZWoj7Xs8Dgp6.pdf>>. Acessado em 24 de janeiro, 2020.
- SPIVAK, G.. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- Website de Renata Felinto. Disponível em: <www.renatafelinto.com>. Acessado em 24 de janeiro, 2020.